



A Construção da Música Tradicional na Madeira: Uma Breve Digressão Histórica¹

The Construction of Traditional Music in Madeira: A Brief Historical Tour

Filipe dos Santos

Secretaria Regional da Cultura, Turismo e Transportes
Centro de Estudos de História do Atlântico – Madeira
fdvsantos@gmail.com

RESUMO

Este texto pretende observar e analisar, numa perspectiva histórica, o processo de construção da música tradicional – imbuído no fenómeno global de folclorização – no Arquipélago da Madeira, desde o século XIX até à actualidade. Vários aspectos são considerados: a realização de investigações de índole folclorística (recolhas e análises), com particular atenção para as tradições musicais, indissociáveis dos seus autores; instrumentos musicais tradicionais; a actividade de músicos e agrupamentos musicais; a padronização do folclore levada a cabo por instituições oficiais.

Palavras-chave: Arquipélago da Madeira; Música Tradicional; Folclorização

ABSTRACT

This text aims to observe and analyze, from a historical perspective, the process of construction of traditional music – imbued in the global phenomenon of folklorization – in Madeira Archipelago, since the 19th century to the present time. Several aspects are considered: the conducting of folkloristic investigations (collection and analysis), with particular attention to musical traditions, inseparable from its authors; traditional musical instruments; the activity of musicians and musical groups; the folklore standardization carried out by official institutions.

Keywords: Madeira Archipelago; Traditional Music; Folklorization

¹ Estamos imensamente gratos ao nosso amigo Paulo Esteireiro pelas observações críticas e fecundas a este estudo. Como é óbvio, as imperfeições de que enfermar são da nossa estrita responsabilidade. Este artigo não segue o novo Acordo Ortográfico.

Neste trabalho de divulgação perseguimos um objectivo primaz: a observação do processo de construção e fixação das tradições musicais do Arquipélago da Madeira – entenda-se, da música dos grupos populares implantados na ruralidade.

Este exercício remete forçosamente para uma perspectiva e uma metodologia historiográficas, e está profundamente escorado em alguns estudos anteriormente realizados – de autores como Carlos Santos, Jorge Freitas Branco, Danilo Fernandes, Manuel Pedro Freitas, Manuel Morais, Jorge Torres, Rui Camacho e Rui Magno Pinto –, atinentes à temática em epígrafe.

Considerar o fenómeno de construção da música tradicional é atender a vários tópicos: as recolhas e os estudos das tradições do Arquipélago da Madeira – e as personalidades que os desenvolveram; a dimensão performativa relacionada com os agrupamentos musicais que se ocuparam em reavivar, encenar e reproduzir tradições musicais; a acção dos organismos oficiais no incremento do turismo através do folclore. Não temos, diga-se, a pretensão de escalpelizar todos os factos relacionados com esta temática – pretensão inexequível neste breve esboço.

Começamos por remeter para um conceito axial, o de folclorização, que pode ser definido como o

processo de construção e de institucionalização de práticas performativas, tidas por tradicionais, constituídas por fragmentos retirados da cultura popular, em regra, rural. (Castelo-Branco, Branco, 2003: 1)

O propósito deste processo foi o de “representar tradição duma localidade, duma região ou da nação.” (Castelo-Branco, Branco, 2003: 1)

Neste sentido, a investigação de âmbito folclorístico, obviamente importante neste processo, iniciou-se na Madeira ao mesmo tempo que no conjunto nacional, havendo com efeito similitude nas cronologias e nas práticas (Branco, 1989: 270).

Devemos começar por salientar a personalidade de Álvaro Rodrigues de Azevedo, “o grande iniciador e impulsionador da pesquisa literário-etnográfica na Madeira”, com a publicação, em 1880, do *Romanceiro do Arquipélago da Madeira*² (Branco, 1989: 270).

De seguida, após um hiato temporal, foram relevantes

alguns verbetes exarados no *Elucidário Madeirense*, sobre temáticas etnográficas e folclorísticas, redigidos por um dos seus coautores, o P.^o Fernando Augusto da Silva. Esta obra surgiu no âmbito de comemorações oficiais: a primeira edição na sequência da comemoração do centenário da descoberta do Arquipélago da Madeira, em 1922; a segunda edição, em 3 volumes, por ocasião da comemoração dos centenários da Independência e da Restauração, no ano de 1940³ (Branco, 1989: 278).

Mais que uma sistematização e investigação folclorística ou etnográfica, o *Elucidário* apresenta dados genéricos, pistas aos eventualmente interessados, em suma, uma erudição local. Norteia o seu autor o cuidado de conseguir reunir, através da informação múltipla, os parâmetros que pautaram os princípios e a perpetuação de uma região, lendo-se o conjunto como um apanhado do **saber regionalista**, testemunho da sua especificidade e simultaneamente contributo para a respectiva **caracterização**. (Branco, 1989: 271-272; o negrito é do autor)

Nos anos 30 até à década de 50, imbuída de um espírito regionalista – já presente no *Elucidário Madeirense* –, eclodiu uma produção editorial significativa, personificada por vários autores (Branco, 1989: 272)⁴: Carlos Santos; o Visconde do Porto da Cruz⁵; o P.^o Manuel Pita Ferreira⁶.

De entre estes devemos destacar Carlos Santos⁷, indivíduo com uma intervenção multifacetada: na recolha, estudo e análise do folclore; na correspondente fixação e construção de tradições da Madeira; no trabalho performativo de apresentação do folclore, dirigindo e colaborando com vários agrupamentos; no domínio dos instrumentos musicais. Jorge Freitas Branco sintetiza a sua acção, declarando que Carlos Santos foi “no domínio dos instrumentos musicais e do traje, à interpretação, no intuito mais ou menos declarado de estandarizar o **característico** da Madeira.” (Branco, 1989:

3 Em 1998 é feita uma edição fac-similada da edição dos anos 40: Silva, P.^o Fernando Augusto da, Meneses, Carlos Azevedo de (1998). *Elucidário Madeirense*, 3 vols., ed. fac-simile da edição de 1940-1946. Funchal: Secretaria Regional de Turismo e Cultura – Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

4 Freitas Branco menciona igualmente, “numa componente mais histórica”, Alberto Artur Sarmento (Branco, 1989: 272).

5 Destaque-se Porto da Cruz, Visconde do (1955). *Folclore Madeirense*. Funchal: Câmara Municipal do Funchal.

6 Ferreira, P.^o Manuel Juvenal Pita (1956). *O Natal na Madeira. Estudo Folclórico*. Funchal: Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal; Ferreira, P.^o Manuel Juvenal Pita (1999). *O Natal na Madeira: estudo folclórico*, 2.^a ed. Funchal: Secretaria Regional de Turismo e Cultura – Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

7 Sobre Carlos Santos, vejam-se: Branco, 2003: 447-453; e Fernandes, Danilo (s.d.). “Carlos Maria dos Santos (1893-1955): Da Investigação à Divulgação do Folclore Madeirense” em Morais, Manuel (coord.). *A Madeira e a Música Estudos (c. 1508 – c. 1974)*. Funchal: Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”, 545-563.

² Azevedo, Álvaro Rodrigues de (1880). *Romanceiro do Arquipélago da Madeira*. Funchal: Tipografia da “Voz do Povo”.

272). No cômputo geral, “A vertente folclórica da tradição madeirense ficou definida com Carlos Santos, com modelos que imperaram até aos anos oitenta.” (Torres, Camacho, 2008: 644).

Carlos Santos foi autor de três estudos “ainda hoje essenciais para o folclorista que pretenda estudar a realidade madeirense” (Torres, Camacho, 2008: 644): *Tocares e Cantares da Ilha*, editado em 1937⁸; *Trovas e Bailados da Ilha*, de 1942⁹; e *O Traje Regional da Madeira*, publicado no ano de 1952¹⁰.

Pautou ainda a sua vida pela intervenção em diversos agrupamentos de música tradicional; a título exemplificativo, citem-se o *Grupo Carlos Santos* (1940-1948) e o *Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha*, de que foi director artístico a partir de 1949, e durante três anos.

Aproveitemos este momento para, divergindo do fio condutor principal deste texto, fazer menção a alguns instrumentos musicais, de modo a ilustrar, com exemplos concretos, a construção das tradições. Segundo Carlos Santos, três cordofones de mão são considerados tradicionais da Madeira: o rajão, o braguinha – ou machete – e a viola de arame¹¹. Na sua obra de 1937 citada acima, afirmou que “É voz corrente serem os instrumentos usados pelos nossos camponeses – o rajão, o braguinha e a viola de arame – oriundos da Madeira.” (Santos, 1937: 7) Este investigador indagou as origens destes instrumentos de corda, e caminhou no sentido de considerá-los como “copiado[s] do violão” (Santos, 1937: 7), dado que, não tendo o povo da Madeira meios para comprar este instrumento, acabou por imitá-lo, através de construções artesanais próprias (Santos, 1937: 12). As dissemelhanças entre o violão e os cordofones da Madeira ocorreriam, assim, “mais como indícios de espírito imitativo que de criação.” (Santos, 1937: 12). Estas elucubrações, deveras questionáveis, mostram a tónica posta no estabelecimento do que era característico e tradicional da Madeira, o que implicou defender, forçosamente, a tese do surgimento destes cordofones neste espaço insular, ainda que por imitação. Cientificamente, porém, esta análise não foi até hoje alvo de séria revisão, tarefa esta que,

ainda que complexa, se afigura necessária.

Gostaríamos de dedicar, a este respeito, algumas linhas a um destes cordofones – o machete. Não há notícias históricas, inequívocas e datadas, concernentes à origem deste instrumento. Deste modo, teremos de nos contentar com as primeiras referências documentais que existem. Neste particular, dois tipos de fontes podem ser usados – e, com efeito, têm-no sido. Primeiramente, há os diversos relatos de viajantes estrangeiros e os guias turísticos, que abarcam principalmente o século XIX e os inícios da centúria seguinte. Depois, temos partituras de música culta ou erudita e métodos para o ensino que, em certa medida, beberam influências nas músicas tradicionais rurais do arquipélago.

Atentemos em certos indicadores transmitidos pelas primeiras fontes nomeadas. Os forasteiros, na realidade, não deixaram de mencionar “o gosto e aptidão natural das classes populares para a música, para a dança e para o canto.”¹² Neste contexto, surgiram apontamentos por parte de forasteiros, a partir de meados do século XIX, veiculando que, entre os instrumentos mais vulgares, o mais característico da Ilha da Madeira – e o preferido – era o machete. A atestá-lo existem os testemunhos de Robert White, Emmeline Wortley, Charles March, Isabella de França, entre outros (Morais, 2011: 22). Na verdade,

O machete madeirense é considerado, por uma grande maioria dos relatos de viagem que compulsámos, como o instrumento de eleição na prática musical (tanto popular como erudita) dos habitantes do arquipélago e pelos forasteiros que o visitaram (Morais, 2011: 22).

William Koebel, em obra publicada em 1909, declara até que este é o “instrumento nacional madeirense”¹³.

As mais antigas referências escritas a este cordofone de mão são de finais da década de 30 e de inícios da década de 40 do século XIX.

Destarte, para Manuel Morais, “a primeira fonte oitocentista onde é mencionado o vocábulo machete, no sentido de instrumento musical”, consiste num diário de Fanny Burney (ou Fanny Wood, de casamento), no qual a autora, em 30 de Setembro de 1838, afirma que

A maioria dos portugueses sabe tocar de ouvido o Machete (um pequeno instrumento característico,

8 Santos, Carlos M. (1937). *Tocares e Cantares da Ilha. Estudo do Folclore da Madeira*. s.l.: s.n.

9 Santos, Carlos M. (1942). *Trovas e Bailados da Ilha. Estudo do Folclore Musical da Madeira*. Funchal: Delegação de Turismo da Madeira.

10 Santos, Carlos M. (1952). *Traje Regional da Madeira. Estudo*. Funchal: Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.

11 Outros instrumentos são também considerados tradicionais deste espaço insular; veja-se Camacho, Rui, Esteireiro, Paulo (2008). *Instrumentos Musicais da Tradição Popular Madeirense*. Funchal: Associação de Amigos do Gabinete Coordenador de Educação Artística – Associação Musical e Cultural Xarabanda [CD-Rom + Áudio].

12 Agrela, Tânia Cristina Freitas (2005). *Notas sobre a Madeira na Literatura de Viagens Inglesa (1650-1894)*. Dissertação de Mestrado em Cultura e Literatura Anglo-Americanas – Universidade da Madeira. Funchal, 184.

13 Koebel, W. H. (1909). *Madeira: Old and New*. Londres: Francis Griffiths, citado e traduzido em Morais, 2011: 22.

segundo creio, da Madeira). Debaixo das minhas janelas ouço constantemente homens a tocarem Viola ou Machete, à medida que os homens vão regressando do monte a que dá acesso a nossa rua.¹⁴

Posteriormente, num livro de gravuras de Andrew Picken, editado em 1840, e acompanhado de textos assinados por James Macaulay, lemos o seguinte:

Os ilhéus gostam de Música mas esta arte atingiu entre eles pouca perfeição. No referido grupo [representado pictoricamente por Picken] está um rapaz a tocar um pequeno instrumento, o machete, que é característico da ilha; não tem muito volume, mas tem grande doçura e vivacidade.¹⁵

Apenas mais um indício documental. No relato de John Adams Dix, concernente a 1843, somos informados do que se segue:

Entre os instrumentos que desempenham um papel proeminente nos concertos e serenatas está o machete. É uma invenção da ilha, da qual a ilha tem grande razão de se orgulhar. A sua forma é a de uma viola anã [...]. Os seus sons são semelhantes aos do violino quando as cordas são beliscadas com os dedos em vez de tocadas com o arco, com a diferença de que são mais agudos e, por consequência, mais estridentes. A sua música é, por si só, ténue e pobre; mas à noite nas ruas, com um acompanhamento de viola ou violoncelos, é muito bonita. Há dois ou três tocadores no Funchal que alcançaram uma maravilhosa proficiência na sua execução. [...] É aqui o instrumento mais corrente; mas duvido muito que isso se passasse se não fosse este o seu local de nascimento.¹⁶

Existem variados métodos manuscritos, datados de 1844 (sensivelmente) até 1901, para a aprendizagem do machete (Morais, 2011: 25). Deste conjunto, convirá destacar a colecção de peças da autoria de Cândido Drumond de Vasconcelos – um virtuoso madeirense deste instrumento, a par de Manuel Joaquim Monteiro Cabral e António José

Barbosa –, datada de 1846 e impressa no ano de 2003¹⁷.

Voltemos ao fio condutor principal deste texto. Diga-se, agora, que a intervenção e o trabalho dos autores nomeados anteriormente, das décadas de 30 a 50 do século XX, estiveram imbuídos de um espírito de urgência em salvar tradições da erosão ou do desaparecimento. Eles dão corpo a um certo regionalismo, na medida em que são

estudiosos locais, desligados do contexto nacional (central) da pesquisa etnológica e, talvez por isso, quase exclusivamente preocupados em fabricar uma imagem regional, característica ou mesmo típica. (Branco, 1989: 278)

Acresce, não o podemos esquecer, que houve um manifesto intuito dos organismos oficiais em construir e fixar as tradições da Madeira, tendo em vista um aproveitamento por parte da indústria do turismo (Branco, 1989: 272-273), em processo de desenvolvimento. Num estudo de Rui Magno Pinto, sobre a relação entre turismo e folclore, é aduzido que

Os fenómenos de interacção entre turismo e folclore sucedentes no Arquipélago da Madeira derivam da estratégia propagandística do regime político do Estado Novo. O principal organismo moderador de todo o processo de promoção turística da etnografia foi a Delegação de Turismo da Madeira¹⁸, que se afirma como mandatária local do S.P.N./S.N.I.¹⁹. À semelhança deste Secretariado, criou esta Delegação diversas iniciativas culturais que visavam propiciar a sedimentação da etnografia enquanto imagem apelativa da região. É notória a apropriação do estudo folclorista regional (que descende das primeiras observações de Álvaro Rodrigues de Azevedo em 1880) e a manifesta intenção de um purismo que foi perpetrado, em grupos “efémeros” e “institucionalizados”; valiosa é a colaboração do académico Carlos Maria dos Santos com este organismo governamental. Deve-se à indústria turística madeirense a perpetuação das apresentações folclóricas e a adscrição contínua ao turismo regional de uma imagem e valorização da etnografia sucedentes do regime político do Estado Novo, medidas estas mais tarde operadas na estratégia de promoção turística dos organismos governamentais da Região Autónoma da Madeira. (Pinto, 2005-2006: 21)

¹⁴ Burney, Fanny Anne (1926). *A great-niece's journals. Being extracts from the journal of [...] (Mrs. Wood) from 1830 to 1842. Edited [...] by her grand-daughter Margaret S. Rolt.* Boston: Houghton Mifflin Co. Londres: Constable & Company Ltd., citado e traduzido em Morais, 2008: 46.

¹⁵ Picken, Andrew (1840). *Madeira illustrated by [...] with a description of the Island edited by Dr. J. Macaulay.* Londres: Day & Haghe's Lithrs., citado e traduzido em Morais, 2008: 47.

¹⁶ Dix, John Adams (1850). *A Winter in Madeira and a Summer in Spain and Florence.* Nova Iorque: William Holdredge, citado e traduzido em Morais, 2008: 52.

¹⁷ Vasconcelos, Cândido Drumond de, Morais, Manuel (estudo e revisão) (2003). *Colecção de Peças para Machete / Collection of Pieces for Machete (1846).* Casal de Cambra: Caleidoscópio.

¹⁸ Não esquecendo a Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal e a Câmara Municipal do Funchal (Pinto, 2005-2006: 14).

¹⁹ Secretariado de Propaganda Nacional / Secretariado Nacional de Informação.

A partir dos anos 30 e 40 da centúria vintista tem lugar um fenómeno de criação e propagação dos grupos folclóricos, “elementos essenciais da tradição musical madeirense”, conjuntamente com os artistas Irmãos Freitas e Max, até à década de 80 (Torres, Camacho, 2008: 648).

Antes desta cronologia, porém, houve alguns eventos de exibição e valorização da música tradicional, isolados e sem continuidade, os quais convirá referenciar (ainda que sem pretensões de exaustividade). Neste particular, devemos recuar até os meados da centúria oitocentista, a partir de quando, “em algumas celebrações ou festividades”, ocorreram “espectáculos ou representações de folclore, traduzidos por bailes de camponeses com seus trajes típicos”; no entanto, reafirme-se, “é sobretudo, a partir dos anos 30 e 40 do século XX, que essas representações assumem particular importância e levam à criação de vários grupos de folclore” (Freitas, 2008: 448). Não quer dizer que não existissem, antes da década de 30, agrupamentos de folclore; existiram, com certeza, mas sem o grau de institucionalização e sem a prática continuada e longeva que posteriormente existiu. Danilo Fernandes, que estudou o período de 1850 a 1948, distingue “dois tipos de ranchos: os considerados “anónimos” [...] e os “efémeros”, que são os grandes promotores das actuais associações.” (Fernandes, 1999: 1).

Em 29 de Junho de 1850, houve uma actuação de um grupo de camponeses – os *Hercúleos Filhos de São Martinho*, em número de 13 –, provenientes desta freguesia, numa feira no Funchal (na Praça Académica), onde dançaram o baile *A La Moda* (Branco, 2003: 447; Fernandes, 1999: 5-7).

Foram relevantes também as visitas reais ou presidenciais, “pontos altos da valorização da música” previamente ao processo de folclorização (Torres, Camacho, 2008: 643).

Em concreto, referimo-nos, primeiramente, à visita dos reis de Portugal ao arquipélago no ano de 1901. Um espectáculo variado foi organizado e realizado a 22 de Junho, que compreendeu no final um “Arraial madeirense”. Aqui,

Rapazes e raparigas com os trajes característicos da Madeira cantavam ao desafio, dispondo-se em alegres grupos, merendando no chão, diante dos fartos cestos abertos, para logo se levantarem dançando e cantando ao repenicado som das violas que a orchestra acompanhava.²⁰

A 13 de Julho de 1938, o Presidente da República Óscar Carmona fez uma visita rápida à Madeira. Neste ensejo, houve

duas apresentações de folclore: um grupo anónimo dançou, no cais do Funchal, *O Baile das Camacheiras*; e os *Folcloristas dos Louros* protagonizaram bailes e descantes típicos no Casino da Madeira (Fernandes, 1999: 31).

Certas manifestações de índole folclórica animavam igualmente as festas das vindimas que decorriam no Funchal (Torres, Camacho, 2008: 643), entre as quais destacamos a de 1938 (a 18 e 19 de Setembro), que contemplou romagens e desfiles e danças de grupos de folclore (Fernandes, 1999: 35)²¹.

Mencione-se um facto relacionado com um grupo de folclore do Arco da Calheta que participou na festa da vindima de 1938. No certame, o agrupamento destacou-se – colheu, inclusive, e ao contrário de outros, uma apreciação positiva por parte de Carlos Santos – e ganhou o primeiro prémio de um concurso de folclore que foi organizado (Fernandes, 1999: 35, 42). No evento, reproduziu uma música de um dos seus membros, João Gomes de Sousa, cognominado *O Feiticeiro da Calheta*, música esta que Max aproveitou e perpetuou (adaptando a letra e adicionando arranjos de Toni Amaral), denominando-a de *Bailinho da Madeira* (Freitas, 2008: 479)²².

No âmbito das Comemorações dos Quatrocentos Anos da Restauração de Portugal – em 1940 –, fizeram parte do programa “Bailados Folclóricos Regionais” (no dia 30 de Novembro), no Teatro Municipal, organizados por Carlos Santos (Fernandes, 1999: 58-59). O *Diário de Notícias* de 04-XII-1940 informa que

21 Este investigador faz ainda referência – e transcreve documentação concernente – às festas da vindima dos anos de 1945 e 1946.

22 Artur Andrade presenciou o evento e pintou-o com cores sugestivas no *Diário de Notícias* de 22-IX-1990: “realizou-se no Campo Almirante Reis um concurso com grupos folclóricos... Estou a vê-los...”

Numa tribuna, armada no local, estavam presentes o governador civil e outras entidades. Num outro estrado exibiam-se os grupos folclóricos. Mas curiosamente, a melodia – hoje famosa em “todo o mundo” – é tocada e dançada não no estrado mas sim quando se dirigem junto à tribuna para cumprimentar as autoridades. Passou-se assim...

Chegada a vez do grupo do Arco da Calheta, este com o chamado “Feiticeiro da Calheta” – com a sua viola de arame – à frente, avança cantando o seguinte estribilho:

“Deixa passar

Esta nossa brincadeira

Que nós vamos cumprimentar

O governo da Madeira”

Seguem-se quadras – que a memória não lembra – tudo letra e música do já falado “Feiticeiro da Calheta”.

De tarde, e pela noite adiante, o rancho vencedor e outros percorriam a cidade cantando ao som da música do actual bailinho da Madeira:

[...]

Depressa a melodia se torna popular.

Uma orquestra madeirense, – Tony Amaral – tendo o nosso Max como vocalista e que durante alguns tempos actuaram no Continente, fazem um arranjo com sabor e influência da nossa música folclórica, tornando-a conhecida em todo o Portugal.

Hoje, deve ser a música portuguesa de raiz popular mais conhecida, não só no nosso país como fora dele... Exemplo, é o facto de ter sido gravada pela sinfónica de Londres.” (Andrade, Artur (22-IX-1990). “O nosso bailinho...” em *Diário de Notícias*, disponível online em <http://www.folcloredamadeira.com/recursos/artigos/onossobailinho.pdf> [consultado a 20 de Outubro de 2012]).

20 *Diário de Notícias*, 24-VI-1901, 7282, citado em Fernandes, 1999: 18.

a exibição folclórica [...] constou de desasseis interessantes números, interpretados a rigor, por um grupo de rapazes e raparigas que trajavam a tradicional indumentária, os quais foram acompanhados no «bailinho de oito» e nos outros bailes, de uma orquestra característica, com os seus rajões, violino, harmonio, violas de arame, machetinhos, etc.²³

Em virtude da apreciação favorável do público, este espectáculo foi reeditado no dia 14 de Dezembro, no espaço citado (Fernandes, 1999: 62).

Actualmente, existem vários grupos folclóricos na Madeira. Nomeamos, por ordem cronológica de fundação, aqueles que são associados da *AFERAM (Associação de Folclore e Etnografia da Região Autónoma da Madeira)*: *Grupo de Romarias Antigas do Rochão* (1945); *Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha* (1948); *Grupo de Folclore do Porto Santo* (1963); *Grupo de Folclore e Etnográfico da Boa Nova* (1965); *Grupo de Folclore Monteverde* (1967); *Grupo de Folclore da Casa do Povo do Porto da Cruz* (1974); *Grupo Folclórico da Casa do Povo de Gaula* (1978); *Grupo de Folclore da Casa do Povo de Santana* (1978); *Grupo de Folclore de Ponta do Sol* (1981); *Grupo de Folclore da Casa do Povo de Santa Cruz* (1982); *Grupo de Folclore de Machico* (1982); *Grupo de Folclore do Rochão* (1986); *Grupo de Folclore da Casa do Povo do Cural das Freiras* (1987); *Grupo de Folclore de São Martinho* (1990); *Grupo de Folclore da Casa do Povo do Caniçal* (1991).

Permita-se-nos evidenciar o *Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha*, “o mais importante e internacional grupo de folclore madeirense” (Freitas, 2008: 471), e o *Grupo de Folclore e Etnográfico da Boa Nova*, que conjuga a vertente performativa com uma considerável actividade de investigação – em termos de estudo e não só de recolha – de temáticas etnográficas e folclóricas, por parte do seu actual Director Artístico, Danilo Fernandes.

Já mencionámos os Irmãos Freitas e Max, artistas proeminentes que colheram, na música tradicional, influências consideráveis²⁴. Max, nesse sentido, foi um divulgador sem par da música da Madeira e exerce, ainda hoje, grande influência – no interior e no exterior do arquipélago (Torres, Camacho, 2008: 645).

Coordenada por António Aragão, nos anos 70 uma

23 *Diário de Notícias*, 04-XII-1940, 20206: 1, citado em Fernandes, 1999: 60.

24 Por parte destas figuras “surge no dealbar da segunda metade do século XX, [...] a criação de géneros popularizados com raízes folclóricas. A “assimilação” das nuances do folclore regional serviu a composição de vários temas de cariz popular, ainda que sob uma estrutura formal típica do repertório então em performance nas principais salas dos hotéis regionais” (Pinto, 2005-2006: 18; o itálico é do autor).

equipa desenvolveu várias recolhas de âmbito etnográfico no arquipélago. Um resultado editorial de tais empreendimentos consistiu na edição, em 1982, de um trabalho discográfico, intitulado *Cantares e Música da Madeira*²⁵. No ano de 2012, foram publicadas as recolhas etnográficas – canções, orações e romances – concernentes ao município de Machico, conduzidas de Abril de 1972 até Setembro de 1973²⁶.

Após o estatuto de Região Autónoma, outorgado pela Constituição de 1976 ao Arquipélago da Madeira, outros organismos oficiais continuaram a potenciar o folclore como valência turística: a Delegação Regional de Turismo, antecessora das Secretarias Regionais que tutelaram esta área; e a Secretaria do Ambiente e Recursos Naturais, por intermédio dos Serviços de Extensão Rural e das Casas do Povo, os quais levaram ao incremento da fundação de vários grupos – alguns já citados anteriormente –, em finais dos anos 70 e nos anos 80 (Pinto, 2005-2006: 20).

No início dos anos 80, no tocante à tipologia dos agrupamentos de música tradicional, iniciou-se um outro capítulo, corporizado pelo *Os Algozes* (1981), depois *Associação Musical e Cultural Xarabanda* (1988). Estamos perante um exemplo insular de um “grupo urbano de recriação” (GUR), que, ao contrário dos grupos folclóricos, “Não usava[...] trajes regionais, nem produzia[...] coreografias.” (Castelo-Branco, Branco, 2003: 10) Esta associação aliou – e alia – a actividade de recolha, no meio rural, e de estudo de canções tradicionais (e de outras dimensões da etnografia e da cultura tradicional da Madeira) com o desempenho musical (no arquipélago e no exterior). Estas actividades foram e são acompanhadas de uma assinalável acção editorial, materializada na *Revista Xarabanda* (desde 1992), em volumes monográficos e em trabalhos discográficos.

A relevância do grupo pode ser aferida pela emergência de colectivos seguidores, dos quais nomeamos os seguintes: *Semente*; *Feiticeiros do Norte*; *Verde Gaio*; *Serões de aldeia*; *Encontros da Eira*; *Si que brade*; *Banda d'Além*; e *Grupo Coral e Instrumental da Casa do Povo da Ponta do Sol* (Torres, Camacho, 2008: 654-656).

No ano de 1985, foi criado e realizado o Festival Regional de Folclore, até hoje com uma periodização anual; em 1991, teve lugar um Curso de Formação para Ensaiaadores de Folclore, sob a égide do *INATEL (Instituto Nacional para o Aproveitamento*

25 *Cantares e Música da Madeira* (1982). Direcção Regional dos Assuntos Culturais (LP).

26 Nepomuceno, Alexandra (introdução, transcrição e notas) (2012). *Aos Olhos da Memória – Recolhas Etnográficas de António Aragão em Machico*. Machico: Câmara Municipal do Funchal / Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea, 24, 26, 27.

dos Tempos Livres)²⁷.

Emerge, enfim, uma “consciencialização dos grupos folclóricos e de revivificação cultural” (de que são primeiro modelo os *Xarabanda*), que se traduziu numa “manifesta intenção na preservação da etnografia autóctone” (Pinto, 2005-2006: 22).

A terminar, afirme-se que a música tradicional da Madeira tornou-se parte do currículo escolar da Região Autónoma da Madeira – o que constitui um claro indicador do reconhecimento da sua importância –, por intermédio da acção da *Direcção de Serviços de Educação Artística e Multimédia* (antigo *Gabinete Coordenador de Educação Artística*), da *Direcção Regional de Educação*, com a colaboração da *Associação Musical e Cultural Xarabanda*²⁸. Na primeira década do século XXI, aquele serviço editou diversos estudos e compilações que visaram levar a música tradicional aos alunos dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico²⁹. O actual programa *Comenius Regio*, do qual brota este artigo, em parceria com a Comunidade Autónoma da Galiza, é, na verdade, simultaneamente corolário e ponto de chegada dos processos de valorização da música tradicional na educação e de construção das tradições musicais madeirenses.

Principal Bibliografia Utilizada

- Branco, Jorge Freitas (1989). “Entre a Imagem e a Realidade: Reflexões sobre a Madeira como Experiência Antropológica” em *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, vol. I. Funchal: Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração – Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 270-304.
- Branco, Jorge Freitas (2003). “Carlos M. Santos (1893-1955). Folclorizador num tempo madeirense” em

Castelo-Branco, Salwa El-Shawan, Branco, Jorge Freitas (org.). *Vozes do Povo: a Folclorização em Portugal*. Oeiras: Celta Editora, 447-453.

- Castelo-Branco, Salwa El-Shawan, Branco, Jorge Freitas (2003). “Folclorização em Portugal: uma perspectiva” em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan, Branco, Jorge Freitas (org.). *Vozes do Povo: a Folclorização em Portugal*. Oeiras: Celta Editora, 1-21.
- Fernandes, Danilo José (1999). *O Folclore em Eventos Sociais entre 1850 e 1948 – Factos e Evidências*. Funchal: Grupo de Folclore e Etnográfico da Boa Nova.
- Freitas, Manuel Pedro S. (2008). “Grupos Musicais Madeirenses entre 1850 e 1974” em Morais, Manuel (coord.). *A Madeira e a Música: Estudos (c. 1508 – c. 1974)*. Funchal: Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”, 401-513.
- Morais, Manuel (2008). “Acheegas para a História da Música na Madeira (c. 1584 – c. 1897)” em Morais, Manuel (coord.). *A Madeira e a Música: Estudos (c. 1508 – c. 1974)*. Funchal: Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”, 19-142.
- Morais, Manuel (2011). “O Machete Madeirense” em Esteireiro, Paulo (superv. e coord. ed.). *5 Olhares sobre o Património Musical Madeirense*. s.l.: Associação de Amigos do Gabinete Coordenador de Educação Artística, 21-37.
- Pinto, Rui Magno (2005-2006). “Fenómenos de Interação entre Turismo e Folclore no Arquipélago da Madeira” em *Revista Xarabanda*, 16, 13-24.
- Santos, Carlos M. (1937). *Tocares e Cantares da Ilha. Estudo do Folclore da Madeira*. s.l.: s.n.
- Torres, Jorge, Camacho, Rui (2008). “O Xarabanda e a Revalorização da Música Tradicional Madeirense” em Morais, Manuel (coord.). *A Madeira e a Música: Estudos (c. 1508 – c. 1974)*. Funchal: Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”, 635-658.

27 “Estas iniciativas conduziram à consciencialização de uma preservação etnográfica mais activa e ao reforço de uma perspectiva purista nos principais directores e ensaiadores dos grupos de folclore” (Pinto, 2005-2006: 20).

28 Veja-se Esteireiro, Paulo (2007). “A conservação do património musical regional através da educação. O Processo de Regionalização do Currículo de Educação Musical (2.º Ciclo), na Região Autónoma da Madeira” em *Revista de Educação Musical*, 127, 28-35.

29 Exemplo disso são os seguintes manuais, que incluem vários exemplos de música tradicional madeirense: Esteireiro, Paulo (coord.) (2006). *Regionalização do Currículo de Educação Musical no 2.º Ciclo do Ensino Básico*. Funchal: Direcção Regional de Educação – Gabinete Coordenador de Educação Artística; Santos, Natalina, Fernandes, Rubina (coord.) (2008). *Regionalização do Currículo de Educação Musical no 3.º Ciclo do Ensino Básico*. Funchal: Direcção Regional de Educação – Gabinete Coordenador de Educação Artística.

